

**“A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS”:  
O DESAMPARO E A SOLIDÃO NO CONTO INFANTIL**

Vanessa Paulino Venâncio Passos<sup>i</sup>

**Resumo**

Este trabalho tem por objetivo discutir sobre a contribuição de Hans Christian Andersen para a literatura infantil. Um dos principais pontos observados foi o rompimento do autor com a tradição dos finais felizes em algumas de suas histórias. Nesse contexto, ele escreveu contos que abordavam o tema do desamparo e da solidão na infância com um tom melancólico para as crianças. Neste processo de criação literária, é possível perceber que o escritor dinamarquês problematizou o caráter pedagógico e didático radical presente em muitas narrativas infantis, o qual excluía temas tabus, como a morte, o desamparo e o trabalho infantil. Se, por um lado, os próprios autores, de forma voluntária, evitavam tais conteúdos e assuntos em suas narrativas, por outro, alguns editores, modificavam os textos dos escritores, com o intuito de enfatizar ao extremo o caráter pedagógico e utilitário do texto literário para crianças. Por sua vez, tal fato tem contribuído para que a literatura infanto-juvenil seja considerada menor no que se refere ao cânone literário. Assim sendo, sob esse ponto de vista, vamos analisar o conto “A pequena vendedora de fósforos” com base nas questões levantadas, sem esquecer a trajetória literária de Andersen, que foi inovador para o panorama da literatura infantil e juvenil, porque escreveu tendo a criança como um público-alvo de suas histórias, e não apenas adaptou os contos populares de adultos para a atmosfera infantil. Como base para a discussão, vamos trazer para o diálogo o posicionamento, sobretudo, de Nelly Novaes Coelho (2008) e de Ana Maria Machado (2009), entre outros autores, a fim de evidenciar que a produção de Andersen foi um marco em relação aos livros para crianças e jovens.

**Palavras-chave:** Andersen, solidão, melancolia, conto infantil.

**“A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS”:  
THE DESAMPARO AND THE SOLIDÃO IN THE CHILDREN'S TALE**

**Abstract**

This work aims to discuss the contribution of Hans Christian Andersen to childhood literature. One of the main points observed was the author's rupture with the tradition of happy endings in some of his stories. In this context, he wrote short stories that approached the theme of helplessness and loneliness in childhood with a melancholy tone for children. In this process of literary creation, it is possible to see that the Danish writer problematized the pedagogical and didactic character present in many children's narratives, which excluded taboos such as death, helplessness and child labor. If, on the one hand, the authors themselves voluntarily avoided such content and subjects in their narratives, on the other hand, some editors modified the writers' texts in order to emphasize to the extreme the pedagogical and utilitarian character of the literary text for children. In turn, this fact has contributed so that the youth literature is considered minor in what refers to the literary canon. Therefore, from this point of view, we will analyze the story "A pequena vendedora de fósforo" based on the issues raised, not forgetting the literary trajectory of Andersen, who was innovative for the panorama of children's and young people's literature, because he wrote it having child as a target audience of his stories, and not just adapted the folk tales of adults to the childlike atmosphere. As a basis for the discussion, we will bring to the dialogue the position, mainly, of Nelly Novaes Coelho (2008) and Ana Maria Machado (2009), among other authors, in order to show that Andersen's

---

<sup>i</sup> Doutoranda em *Letras* pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: vanessaescritura@gmail.com

production was a milestone in relation to the books for children and young people.

**Key-words:** Andersen, loneliness, melancholy, children's story.

## 1 – Introdução

Sabemos que os contos de fadas exercem uma forte influência no imaginário infantil. Não apenas para as crianças, mas jovens e adultos também desfrutaram o contato com essas narrativas mágicas. A partir das histórias de Perrault, Grimm e Andersen, a presença do mágico e do maravilhoso passou a ser um elemento comum das histórias infantis.

Os primeiros, Perrault e Grimm, foram responsáveis por recolher e recontar histórias populares, que já estavam no imaginário do povo. Já Hans Christian Andersen se destacou por escrever novas histórias, e não apenas compilar as já tradicionalmente populares. Por essa razão é que o dinamarquês ficou conhecido como “o pai da literatura infantil”.

A esse respeito, Ana Maria Machado em “Como e por que ler os clássicos desde cedo” (2009) comenta sobre a relação “Perrault-Grimm-Andersen” que:

É que Andersen, diferentemente de Perrault e dos irmãos Grimm, não se limitou a recolher e recontar as histórias tradicionais que corriam pela boca do povo, fruto de uma criação secular coletiva e anônima. Ele foi mais além e criou várias histórias novas, seguindo os modelos dos contos tradicionais, mas trazendo sua marca individual e inconfundível – uma visão poética misturada com profunda melancolia. Assim, seu livro, além de contos de fadas compilados nos países nórdicos, trazia também novidades como *O Patinho Feio*, *A Roupas do Imperador*, *Polegarzinha*, *A Pequena Sereia*, *O Soldadinho de Chumbo*, *O Pinheirinho* e tantas outras.

Essa possibilidade acendeu a imaginação de outros autores. A partir daí, pela primeira vez, algumas obras começaram a ser criadas especialmente para a literatura infantil, sem intenção didática (MACHADO, 2009, p. 72-73)

Diante desse contexto, Machado (2009, p. 72) comenta que uma visão poética misturada com profunda melancolia contribuiu grandemente para desmistificar uma tradicional intenção pedagógica e didática dos textos para crianças, uma vez que Andersen rompeu com o compromisso de narrar histórias mais positivas que negativas, sobretudo no que diz respeito aos finais.

No entanto, essa tradição de textos infantis em que o lúdico e os elementos mágicos na narrativa para crianças culminam para um final feliz, que resolva todos os problemas apresentados no enredo, mesmo que as soluções narrativas não sejam bem construídas, ainda representa a grande maioria nos textos contemporâneos destinados para crianças.

Em vista disso, é que pretendemos analisar seu conto “A pequena vendedora de fósforos”, no tocante à presença da solidão e da ausência de satisfação no conto infantil, observando de que maneira são estruturadas narrativas para crianças com um tom melancólico.

Por fim, nosso objetivo é perceber o legado de Andersen para a tradição da literatura

infantil. Assim, ressaltamos alguns motivos para tal influência: primeiro, pela criação de suas próprias narrativas imprimindo seu estilo de escrita; segundo, ele redigiu tais histórias como se as estivesse contando ao vivo; terceiro, em alguns de seus contos, imprimiu um tom melancólico, com a presença de sentimentos como a solidão e o desamparo, sem a preocupação com os “felizes para sempre” nos finais das narrativas.

## **2 – Hans Christian Andersen: uma figura inusitada que cativou o universo infantil**

Hans Christian Andersen nasceu na Dinamarca em 1805. Ele foi de uma família humilde, a mãe era lavadeira e o pai sapateiro. Mesmo diante de tamanha escassez e pobreza, ele vivenciou o lúdico através da influência do pai. Este lhe contava histórias como *As mil e uma noites* (1974). Além disso, esculpia brinquedos e marionetes, com os quais o filho encenava as narrativas de Shakespeare.

Durante algum tempo, na juventude, sofreu com as relações interpessoais, porque foi considerado uma figura estranha, bem como ratifica Eugênio Amado nas notas de tradução no primeiro volume de *Histórias e contos de fadas* (1996): “Que o confirme o sapateiro Hans, espezinhado e ridicularizado em sua juventude, e mais tarde recebido com honras e rapapés na corte de seu país” (ANDERSEN, 1996, p. 13). No entanto, o seu reconhecimento veio a partir de suas histórias. Em primeiro lugar, Andersen, assim como Perrault e os Grimm, recontou histórias do seu povo. O escritor comenta isso no prefácio de 1833, em Copenhague:

Quando criança, eu adorava escutar histórias e contos de fadas. Muitos ainda estão nítidos em minha memória. Creio que vários são de origem dinamarquesa, pois nunca os escutei nos países que já visitei. Contei-nos a meu modo: onde achei que era necessário, modifiquei o enredo, deixando a imaginação retocar e reavivar as cores da pintura que já começava a desbotar. No presente volume, temos quatro dessas histórias: O ISQUEIRO, NICOLÃO E NICOLINO, A PRINCESA E O GRÃO DE ERVILHA e O COMPANHEIRO DE VIAGEM. Já a fábula O MENINO MALDOSO, como o sabem quase todos, foi retirada de um poema de Anacreonte (ANDERSEN, 1996, p. 16)

É importante ressaltar que suas memórias foram de grande importância para este processo de releituras de suas histórias infantis. No entanto, outro ponto a ser discutido é que ele não se limitou a recontar tais histórias, uma vez que também criou seus próprios contos de fadas. Por essa razão que ele se destacou em relação ao Perrault e aos Grimm. Assim, esta nota foi escrita por ele próprio no prefácio da edição de 1837 destaca que ele foi o criador dos teus mencionados: “Além desses, há ainda três contos de minha inteira autoria: AS FLORES DA PEQUENA IDA, DEDOLINA e A PEQUENA SEREIA” (*Idem*, p. 16). O autor escreveu ainda muitos outros contos, como: “A margarida”, “O soldadinho de chumbo”, “O patinho feio”, “A agulha de Cerzir”, “Os sapatos vermelhos”, entre outros.

Destarte, sabemos que ele não apenas se conformava em readaptar contos populares para as crianças, mas tinha a necessidade de escrever histórias com o foco no público-alvo infantil, e estava sempre rodeado para crianças. Era um exímio contador de histórias. A esse respeito, no capítulo “Os contos de fadas continuam para sempre”, do livro *Confusão de línguas na literatura: o que o adulto escrever, a criança lê* (2009), Ninfa Parreiras comenta:

A grande originalidade dele foi inventar contos, histórias e novelas com aspectos importantes para a vida das crianças e dos jovens. Ele trouxe situações do universo das crianças para os contos de fadas, como as brincadeiras, os jogos, os sentimentos. Além de criar suas próprias histórias, Andersen, recontava casos e contos que ouvia por onde viajava (PARREIRAS, 2009, p. 81)

A originalidade dos contos de Andersen foi um fator importante para que sua obra entrasse para o cânone literário, destacando seu processo de criação literária. Com o tempo, suas narrativas tornaram-se conhecidas no mundo todo, sendo traduzidas para várias línguas. Outro fator que contribuiu para essa originalidade foi o tom melancólico presente em muitos de seus contos. Assim sendo, percebemos que o escritor dinamarquês não hesitou em apresentar o tema da solidão no universo infantil, como bem aponta Ninfa Parreiras:

Alguns dos contos são mais conhecidos do público leitor como “A menina dos fósforos”, “O rouxinol” e “as roupas novas do imperador”. Trazem a possibilidade de se discutir com as crianças aspectos não presentes em outras traduções fragmentadas, como a manutenção do clima de **desamparo e de insatisfação**. Já outros, menos conhecidos como “O porquero”, “O regimento da roseira” e “O estojo da pedrneira”, são a porta de entrada nos contos que marcaram o século XIX, pela temática do desespero, da solidão e do abandono dos personagens (*Idem*, p. 81-82)

Ao contrário de muitas obras infantis da época, ele abordou temas, como: o desamparo, a insatisfação, o desespero, a solidão e o abandono e, de uma forma sensível, conseguiu unir imaginação com uma atmosfera lúdica às temáticas consideradas delicadas no que se refere à literatura para crianças. Entretanto, a preocupação didática naquela época era tão forte, que ele sofreu com tradutores que modificaram seus textos:

As primeiras traduções inglesas dos contos de Andersen, cotejadas com as atuais, parecem tratar-se de obras escritas por outra pessoa. É que a Inglaterra atravessava então a fase vitoriana, caracterizada pelo seu exacerbado moralismo. Algumas dessas histórias eram cruas, realistas, consideradas talvez um tanto perniciosas para os leitores aos quais se destinavam. Desse modo, os tradutores “passavam a limpo” o que liam, suavizando esse ou aquele trecho, alterando o enredo, torcendo o desfecho (ANDERSEN, 1996, p. 13).

Por sua vez, esta mudança radical a ponto de modificar significativamente o texto, evidencia de que maneira o caráter didático e pedagógico presente, muitas vezes, nas narrativas infantis e juvenis, pode ser negativo. Se, por um lado, ambos são importantes num trabalho de linguagem, o qual aborda de forma diferenciada diversas questões, construindo paulatinamente um

estilo próprio, por outro, a exclusão completa de determinados temas pode gerar um alheamento na criança e no adolescente, tendo em vista que, no cotidiano, ambos se deparam com a dor, com a morte, etc.

Assim sendo, a obra *O meu amigo pintor* (2015), de Lygia Bojunga, escritora brasileira, relata a experiência de Carlos, que vivencia a morte por suicídio de seu vizinho e amigo. Contada pela perspectiva do garoto, a narrativa apresenta a sua dificuldade de compreensão do que se passa e a insistência dos adultos em esconderem dele essa tragédia com o intuito de protegê-lo, o que gerou ainda mais sofrimento para o menino.

Enfim, um didatismo que é ciente do seu público-alvo, e ainda, do modo de pensar e de compreender o mundo, que busca avidamente por um estilo e por uma linguagem na qual, além da questão poética, também reflita a acessibilidade do texto para crianças e jovens, tem uma relevância neste processo de criação literária.

Em contrapartida, um didatismo ao extremo, que tenha o objetivo de limitar a construção narrativa de tal maneira que exclua temáticas relevantes da vivência destes leitores, subestimando sua capacidade intelectual e interpretativa, ou ainda, acreditando que a arte para este público-alvo deve ter apenas um caráter doutrinador e pedagógico (excluindo o cunho estético da arte, da literatura), contribui para que a literatura infantil e juvenil seja considerada menor diante do cânone literário.

### **3 - “A pequena vendedora de fósforos” e a presença da morte no conto infantil**

Sobre o conto em análise, “A pequena vendedora de fósforos” é narrativa que ocorre no último dia de dezembro, uma data festiva, véspera de Ano-Novo. No entanto, o que temos como cerne da história não são luzes nem um clima de festividades, mas sim uma garota muito pobre, que anda pela cidade a fim de vender fósforos para o pai. Infelizmente, neste dia, ela não consegue vender nenhum. Com medo de voltar para a casa e levar um carão (através do temor da menina, o texto dá inferências de que este homem é violento), ela decide parar num corredor estreito para se abrigar.

É neste momento que a tensão do conto inicia, pois, para aquecer-se, ela decide riscar os fósforos um a um. Durante esse processo, a menina começa a ter visões: a lareira, o ganso assado e a árvore de Natal. Em seguida, ela vê a falecida avó (a qual a narrativa deixa claro que foi a única referência de afeto que a menina teve). Então, a garota pede a avó para levá-la consigo, e, com o objetivo de que a avó não fosse embora, pega o punhado de fósforos e os risca todos de uma vez.

O final trágico é anunciado logo em seguida quando, pela manhã, os habitantes que passam por ali encontram a menina morta com os fósforos queimados na mão. Não obstante, Andersen

concede uma redenção para a garota no final, comentando, através do narrador, que as pessoas que tiveram pena da menina desconheciam sua alegria com as visões da noite passada e da comemoração do seu Ano-Novo com a avó.

Após este breve resumo do conto, pretendemos observar de que maneira o sentimento de desamparo é abordado pelo escritor neste texto infantil. Desse modo, é possível perceber que a sensação de desamparo começa já pela descrição do clima no conto: “Estava terrivelmente frio. A neve caía sem parar e já começava a escurecer. Era a última noite de dezembro, véspera do Ano-Novo” (ANDERSEN, 1996, p. 428). Diante do panorama apresentado, o clima funciona como um dos antagonistas da narrativa, que, inclusive, ao final do conto, será o responsável por ceifar a vida da pequena vendedora de fósforos.

Ligado a isso, temos também a situação de miséria e pobreza na qual a menina vive, sendo obrigada a vender fósforos na noite fria de Ano-Novo, com uma roupa maltrapilha e chinelos muito maiores que seus pés. Vejamos esta citação:

Por entre o frio e a escuridão, caminhava uma garotinha. Tão pobre era ela, que trazia os pés descalços e a cabeça descoberta. Bem que estava descalça com um par de chinelos muito grandes, que pertenciam a sua mãe, e ela os perdera quando teve de atravessar correndo uma rua, escapando de ser atropelada por duas carruagens que por ali desciam a toda velocidade (ANDERSEN, 1996, p. 428).

O sentimento de desamparo é ressaltado por diversos elementos que se coadunam na história com o intuito de ilustrar uma infância solitária. Mesmo com o frio, a cabeça da menina estava descoberta e os pés descalços. Outrossim, o narrador enfatiza a discrepância entre a pequenez da garota diante dos carros velozes. Portanto, sabemos que não são poucos os obstáculos que ela encontra em sua jornada, por exemplo, quando perde as sandálias para se livrar de ser atropelada, mas em seguida, ao retornar para pegá-la, um garoto as rouba:

Ao voltar para procurá-los não conseguiu encontrar um deles, enquanto o outro foi apanhado por um moleque da rua, que ainda por cima teve o desplante de rir-se dela, gritando enquanto se afastava correndo:  
– Este eu vou guardar para mim! Vai servir de berço para o meu filho, quando eu tiver um!  
(ANDERSEN, 1996, p. 428)

O clima de desamparo tem um efeito gradual no conto. Apesar da garota já viver sua situação de extrema miséria, acontecimentos como esse, somam-se ao seu destino cruel. No seguinte excerto, é possível notar esta gradação em relação aos episódios negativos enfrentados pela menina:

Assim, lá ia ela descalça, caminhando pelas ruas. Seus pés estavam roxos de frio. Trazia nas mãos um molho de fósforos, e mais uma boa quantidade no bolso de seu avental. Tentara vendê-los, mas sem sucesso. Ninguém comprara fósforos durante aquele dia, nem

lhe dera sequer um tostão. A pobre criaturinha sentia fome, sentia frio e encarava o futuro com medo e incerteza (ANDERSEN, 1996, p. 428).

Primeiro a garota segue com a cabeça descoberta, isto é, o narrador sugere que ela não está vestida de forma apropriada para o clima daquele período. Em seguida, perde suas sandálias e segue descalça, o que a leva a ficar com os “pés [...] roxos de frio”. Por sua vez, a roxidão nos pés da menina representa o prenúncio do final trágico que a esperava.

Outro fator importante é que o frio do clima pode ser comparado à frieza das pessoas, uma vez que a menina não consegue vender nenhum fósforo naquela noite. Apesar de não estar explícito no conto, podemos inferir que ela deva ter oferecido para várias pessoas, as quais possivelmente não deram atenção a uma garotinha maltrapilha e faminta na tentativa de vender fósforos para sobreviver.

Tomamos conhecimento do ápice da desproteção da menina quando o narrador revela que ela prefere ficar encolhida num corredor na rua a voltar para casa com receio da reação do pai, já que ela não tinha conseguido vender nenhum fósforo:

Num estreito corredor que separava duas casas, ela se sentou encolhidinha, protegendo os pés sob a saia. Além do frio que sentia, tremia de medo pensando na reação do pai, ao saber que ela não havia vendido sequer um fósforo, durante todo aquele dia. Por isso, receava voltar para casa, onde, além do mais, fazia tanto frio quanto ali fora, na rua. Casa era modo de dizer: ela morava num sótão que tinha apenas o telhado como cobertura. O vento penetrava pelas fendas que seu pai em vão tentara tapar, enchendo-as de palha e de trapos. (ANDERSEN, 1996, p. 429)

Neste trecho, Andersen coloca casa, não como sinônimo de acolhimento, mas de abandono e de solidão, e mais uma vez o frio e os ventos do clima podem ser comparados à frieza humana, neste caso, do pai.

Sendo assim, quando a menina se encontra completamente só, o frio tomando conta de seu corpo, ela decide usar os fósforos para se aquecer. É quando o elemento mágico surge

Suas mãos estavam dormentes. Quem sabe conseguiria desentorpecê-las, acendendo um fósforo? Pegou um e riscou-o. Ah, que bom! Como era gostoso aquele calorzinho! Passou a mão por cima da chama e fechou os olhos, desfrutando daquele momento de felicidade. Em sua mente, ali não havia apenas um pequeno momento de felicidade. Em sua mente, ali não havia apenas um pequeno fósforo, mas sim uma grande lareira, cercada por grades de metal. Dentro dela o fogo crepitava, iluminando e aquecendo o corredor. Tirou de sob a saia os pezinhos, para que também eles se aquecessem, quando de repente a lareira desapareceu, e ela se viu triste e solitária naquele canto escuro, tendo nas mãos um fósforo queimado (ANDERSEN, 1996, p. 429)

De volta ao conto, temos neste trecho o uso do discurso indireto livre, e, em alguns momentos, o narrador fala a partir da perspectiva da protagonista, sentindo o prazer do calor perante o clima gélido, porém o sentimento de acolhimento dura pouco, logo ela volta a se sentir solitária. *A*

*priori*, o elemento mágico surge como parte da imaginação da garota, que se encontra num momento de insatisfação, por isso deseja ardentemente estar numa situação distinta. Mas logo a realidade cruel se instala novamente e a garota vê que suas visões não passam de sonhos, como podemos ver também nesta citação:

Tirou do molho outro fósforo e riscou-o. A chama rebrilhou, iluminando a parede da casa, que se tornou transparente como um véu. Ela podia ver o interior da resistência. A mesa estava posta, coberta por uma toalha de linho. No centro, sobre uma bandeja, fumegava um ganso assado, recheado de maçãs e ameixas. Súbito, algo muito estranho aconteceu: sem se importar com o garfo e a faca que lhe estavam fincados nas costas, o ganso saltou da mesa e caminhou em sua direção! Ela estendeu as mãos para pegá-lo, mas só encontrou uma parede sólida, úmida e fria (ANDERSEN, 1996, p. 428).

Depois de uma série de objetos que aparecem e desaparecem para a vendedora de fósforos, neste entrecruzamento de imaginação e realidade, caminhamos para o desfecho da narrativa, em que o elemento mágico é inserido com maior intensidade com a aparição da avó morta: “– Oh, Vovó! – exclamou. – Leve-me para onde a senhora está! Sei que irá desaparecer quando o fósforo apagar, do mesmo modo que desapareceram a lareira, o ganso assado e a linda árvore de Natal!” (ANDERSEN, 1996, p. 430). Neste trecho, há uma atenuação da linguagem para tratar sobre o assunto da morte para as crianças, sobretudo porque, neste conto, a própria menina morre no fim da narrativa, não se tratando apenas da morte passiva, ou seja, presenciada pela garota. Quando falamos em violência, referimo-nos ao estado de penúria e abandono em que ela se encontrava.

Com o intuito de manter a presença da avó e, ao mesmo tempo, aquecer-se, a garota risca todos os fósforos. Então, a figura da avó surge mais forte e a menina é levada junto da senhora, simbolizando a morte. Eis o trecho em análise:

Ao ver que a chama do fósforo começava a bruxulear, tomou do molho inteiro e deixou que todos se inflamassem ao mesmo tempo, a fim de que a imagem da avó lhe pareceu tão linda quanto naquele instante! Sorrindo, ela estreitou a garotinha entre os braços e voou com ela para onde não havia frio, nem fome, nem medo: levou-a para junto de Deus (*Idem*, p. 430).

Andersen claramente atenua a morte da criança. Primeiro, demonstra que a garota fica ainda mais feliz com a aparição da avó, ao descrevê-la como linda. Em seguida, ao relatar que a garota é levada a outro lugar onde não sofreria mais privações. Embora o escritor tenha atenuado a linguagem ao tratar do tema da morte, descrevendo que a garota foi para “junto de Deus” ou para um lugar melhor “para onde não havia frio, nem fome, nem medo” (ANDERSEN, 1996, p. n 430), ele não deixou de trabalhar com esta temática, nem excluiu da narrativa o caráter trágico, que é representado pela morte da criança por frio e fome na rua da narrativa infantil.

#### **4 – O caráter didático e pedagógico é prejudicial às narrativas infantis?**

No seu processo criativo de Andersen, ele tinha a possibilidade criar outras soluções

narrativas para o fim do conto “A pequena vendedora de fósforos”, inclusive, um “final feliz”, em que alguém compraria seus fósforos, ou a convidaria para participar da ceia por piedade, ou ainda, que, ao voltar para casa o pai, este a acolheria com carinho percebendo o modo errado como vinha agindo com a filha, mas não, ele insistiu num final que, mesmo com a aparição da avó ou o fato da menina ser levada para junto de Deus, não excluiu o sentimento de desamparo e solidão sentidos pela criança até aquele momento.

Neste aspecto, o conto infantil de Andersen distancia-se da definição de Ana Maria Machado, em *Como e por que ler os clássicos desde cedo* (2009), sobre os contos de fadas:

Entendidas e aceitas em sua linguagem simbólica, essas histórias de fadas tradicionais se revelam um precioso acervo de experiências emocionais, de contatos com vidas diferentes e de reiteração da confiança em si mesmo. No final, o pequenino se dá bem e o fraco vence. A criança pode ficar tranquila – com ela há de acontecer o mesmo. Um depois do outro, esses contos vão garantindo que o processo de amadurecimento existe, que é possível ter esperança em dias melhores e confiar no futuro (MACHADO, 2009, p. 80)

De acordo com Ana Maria Machado (2009), geralmente, nos contos de fadas os desafios culminam para um amadurecimento da personagem a fim de que ao final da narrativa, o leitor tenha uma mensagem de esperança e de superação, o que não ocorre no conto “A pequena vendedora de fósforos”. No conto analisado, a solidão e o desamparo são reiterados durante toda a narrativa e o final trágico é atenuado por meio do elemento mágico. Muito embora a “salvação” da garota não se dê no plano da realidade.

Por essa razão, acreditamos que Andersen não priorizava um fim pedagógico em seu texto. Ainda que ele tivesse as crianças e os jovens como o público-alvo de suas narrativas e escrevesse pensando na linguagem para eles, sua prioridade não era passar uma mensagem de superação, nem se restringir a uma de cunho pedagógico, mas sim uma preocupação estética. Por exemplo, diversos educadores, professores, mediadores de leitura e pais contam a história de Chapeuzinho Vermelho com foco na desobediência da garota como motivo gerador dos eventos negativos. No texto em análise, não há nada na narrativa que justifique a indiferença do pai com e a falta e compaixão de todos com a pequena vendedora de fósforos, sendo assim, o autor conseguiu enfatizar o caráter estético e literário do texto.

Sabemos que essa discussão entre natureza pedagógica e estética no que se refere à literatura infantil é antiga. Em *Literatura infantil: teoria, análise, didática* (2000), Nelly Novaes Coelho comenta que “Compreende-se, pois, que essas duas atitudes polares (literária e pedagógica) não são gratuitas. Resultam da indissolubilidade que existe entre a *intenção artística* e a *intenção educativa* incorporadas na própria literatura infantil” (COELHO, 2000, p. 48). Essa indissolubilidade só demonstra a complexidade destes dois aspectos ligados às narrativas para

crianças.

É importante ressaltar que este artigo não tem a pretensão de fechar questões no que se refere à problemática da necessidade ou não do caráter pedagógico e didático estar ligado ao processo constitutivo do livro infantil. Por essa razão, é que apresentamos esta citação de Ninfa Parreiras, que expressa muitas dos questionamentos que circundam o universo dos pesquisadores de literatura infantil e juvenil:

O que caracteriza a literatura infantil? De que criança falamos? Qual é a literatura a ela dirigida? Se há uma literatura infantil, dirigida à infância, há uma criança, o destinatário da referida literatura. A literatura infantil é uma expressão de arte que merece cuidados e traz muitas dúvidas. É para a infância? É necessário que tenha moral? Tem que ser linguagem simplificada? Temas difíceis e tabus não devem ser abordados para a infância? A lista de questões poderia se estender por esta página. Isso porque é o adulto que cria e produz a obra literária, e a criança e recebe tal produção (PARREIRAS, 2009, p. 23)

Enfim, Andersen nos deu uma prova de que é possível, com recursos estilísticos, desenvolver uma linguagem e um estilo de escrita com foco em crianças e jovens, mesmo que temas delicados e trágicos, como o desamparo e a morte, possam ser apresentados, uma vez que essas temáticas também estão presentes na realidade cotidiana de todos os seres humanos seja qual for a faixa etária.

## 5 – Considerações Finais

Em suma, por meio do levantamento da trajetória literária de Hans Christian Andersen, podemos perceber sua grande contribuição para a produção de histórias infantis. Assim como Perrault e os Grimm, escreveu contos de fadas, mas se destacou por criar narrativas destinadas de fato para crianças e jovens, e não apenas recontar ao seu modo contos populares.

Por fim, os resultados deste trabalho apontam para a colaboração do escritor dinamarquês para um tipo de histórias infantis que se ocupam de temas, como: insatisfação, desespero, solidão e desamparo dos personagens, que em geral são evitadas em textos para as crianças, sobretudo no que diz respeito aos finais. Esse tom melancólico não está presente apenas no conto analisado, “A pequena vendedora de fósforos”, mas também em outros textos, como ocorre em: “O Rouxinol”, “O porqueiro”, “O regimento da roseira”, entre outros.

Por essa razão, sabemos que este trabalho não tem a pretensão de esgotar o assunto, abrindo espaço, pois, para que outras pesquisas possam ser realizadas no que tange às problemáticas em torno da literatura infantil, uma vez que, a partir deste artigo e da colaboração de Andersen, discutimos a disputa entre intenção artística *versus* intenção estética, para usar os termos de Ana Maria Machado, nas obras infantis. Neste ponto, apuramos que nos contos do escritor dinamarquês o caráter pedagógico não se sobrepõe ao estético, e ainda, que ele não evita de falar sobre alguns

temas devido ao compromisso com um didatismo limitante.

### **Referências Bibliográficas**

ANDERSEN, Hans Christian. **Histórias e contos de fadas** – Obra Completa. Vol. 1. Tradução Eugênio Amado. Belo Horizonte: Villa Rica, 1996. Coleção Grandes Obras da Cultura Universal. Vol. 17.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2008.

BOJUNGA, Lygia. **O meu amigo pintor**. 24. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2015.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

PARREIRAS, Ninfa. “Os contos de fadas continuam para sempre”. In.: **Confusão de línguas na literatura: o que o adulto escrever, a criança lê**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

\_\_\_\_\_. “Uma confusão de línguas: universo do adulto x universo da criança”. In.: **Confusão de línguas na literatura: o que o adulto escrever, a criança lê**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.